

# ENTREVISTA

*INTERVIEW*



### OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA UNIVERSIDADE

#### Seria possível traçar um breve retrato da situação atual das universidades?

Sim. As universidades têm andado desorientadas, confusas, incapazes de marcarem um caminho. Há vários anos que andam enredadas em teias e contradições que as enfraquecem. Basta recordar os problemas crônicos de subfinanciamento e as tentativas de os superar por meio da importação acrítica de modelos de gestão empresarial; ou a imensa burocracia que ataca a vida acadêmica, atingindo o coração da nossa autonomia e liberdade; ou a adoção de *rankings* e medidas que provocam a uniformização universitária e um produtivismo acadêmico absurdo e fatal.

Porém, nem tudo são espinhos, uma vez que, nas últimas décadas, houve uma expansão sem precedentes, permitindo o acesso ao ensino superior a estudantes oriundos de grupos historicamente excluídos da universidade. Também a ciência tem vindo a ganhar uma nova centralidade, levando a uma compreensão mais nítida da responsabilidade da universidade perante o conhecimento e a sociedade.

#### E os desafios que se apresentam no horizonte para as universidades?

Em um futuro próximo, as universidades podem tornar-se dispensáveis, substituídas por “cursos *on-line*”, por plataformas de inteligência artificial e por “centros empresariais” de desenvolvimento científico e tecnológico; ou podem renovar-se como instituições centrais para as sociedades contemporâneas. A decisão está nas nossas mãos.

Correndo o risco de uma excessiva simplificação, defendo que a chave para a reconstrução das universidades se encontra na palavra diferença, num triplo sentido: (i) diferença entre a universidade e as outras instituições; (ii) diferença entre universidades; (iii) diferença no interior de cada universidade.

(i) A essência de uma universidade está na diferença em relação às outras instituições. A universidade é um lugar único, marcado pela relação intergeracional e pelo diálogo entre todas as formas de conhecimento. A sua força reside na diferença, e não no mimetismo em relação a outras instituições do mundo econômico e social. Quando procura copiar as lógicas de funcionamento e de gestão das outras instituições, a universidade perde todo o interesse. Quando se deixa tentar pelo “utilitarismo”, perde toda a utilidade.

(ii) Uma das tendências mais insensatas das últimas décadas é a busca de uma medida universal para avaliar as universidades. Tentar medir pela mesma bitola as universidades de Lisboa e de São Paulo, de Coimbra ou de Brasília, é um disparate, e alargar este exercício às 30.000 instituições do ensino superior no mundo é um disparate ainda maior. As universidades são diferentes e não podem ser avaliadas todas do mesmo modo.

(iii) Finalmente, é preciso compreender que os professores universitários são diferentes uns dos outros: alguns preferem lecionar na graduação, outros na pós-graduação; alguns realizam-se mais no ensino, outros na pesquisa; alguns interessam-se mais pela gestão do que outros... Ao aplicarmos os mesmos

critérios para editais, concursos e avaliações, empurramos os professores para perfis uniformes que empobrecem a universidade.

### **O grande desafio estaria, portanto, em a universidade encarar de frente suas singularidades e não ter medo da mudança?**

As instituições de educação superior têm de assumir o risco do futuro, assumir com coragem a necessidade de transformações profundas no seu funcionamento. Não nos servem os modelos corporativos, fechados, do passado. Também não nos servem os modelos que procuram copiar as lógicas empresariais. A essência de uma universidade está na diferença em relação às outras instituições. A sua força reside na diferença, e não no mimetismo em relação a outras instituições do mundo econômico e social. Quando se deixa tentar pelo “utilitarismo”, a universidade deixa de ser útil. As universidades têm um imenso potencial transformador, mas, para o poderem exercer, precisam elas próprias de se transformarem.

### **O que deve ser colocado como prioritário na busca por uma educação superior qualidade?**

Uma universidade define-se, acima de tudo, pelo compromisso dos professores com o futuro dos seus estudantes. É esta a sua missão primeira. Para a cumprir, é preciso criar as melhores condições para este encontro.

Na universidade, há uma tradição importante de valorização do encontro entre mestres e discípulos, como se percebe pela leitura de autobiografias e memórias de antigos estudantes. Estamos perante um patrimônio essencial, constituído pelo exemplo de muitos professores com grande sensibilidade pedagógica e um sentido apurado do compromisso com os seus alunos. Porém, é preciso reconhecer que estes mestres, notáveis no seu magistério, nunca inscreveram a questão pedagógica como tema de reflexão da sua própria vida universitária.

Por outro lado, nenhum de nós ignora que as tendências das últimas décadas, com a vontade crescente de imitar as chamadas “universidades de classe mundial” ou “universidades de investigação” e valorizar o “produtivismo acadêmico”, têm relegado o ensino ao segundo plano.

Nada será conseguido sem a dedicação dos professores, sem dar centralidade à missão docente na organização do trabalho universitário e da carreira académica, sem a compreensão de que podemos aprender a ensinar.

O mais importante é a criação de novos ambientes educativos, muito diferentes daqueles que, ainda hoje, predominam nas universidades. O “ambiente” não se define apenas numa dimensão espacial, mas também em dimensões temporais e relacionais. No ambiente dos anfiteatros, é fácil “dar uma aula”, mas é difícil, ou mesmo impossível, estudar em grupo ou realizar atividades de pesquisa.

A criação destes ambientes é o caminho necessário para valorizar o estudo, a conversa informada, a partilha, a experiência de pesquisa, a descoberta, a co-construção do conhecimento, numa palavra, para valorizar a pedagogia do encontro e do trabalho conjunto.

## Nas relações entre universidade e sociedade, que papel pode desempenhar a pesquisa científica?

A ciência ganhou uma nova centralidade nas universidades, o que é fundamental, tanto para impregnar o ensino com um espírito científico como para promover o conhecimento na sociedade. Hoje, as universidades devem participar ativamente na agenda da Ciência Aberta (*Open Science*), sobre a qual gostaria de deixar três apontamentos, e mais um.

Primeiro, o acesso livre ao conhecimento, sobretudo quando é produzido com dinheiro público. As práticas atuais de publicação científica não são aceitáveis e, menos ainda, que sejam elas a dominar as carreiras universitárias.

Segundo, a promoção de uma cultura científica, no conjunto da sociedade. É um tema central dos nossos dias, quando assistimos à expansão de formas distintas de rejeição da razão e de negacionismo da ciência.

Terceiro, a capacidade de construir políticas públicas informadas pelos resultados científicos, situação que se tornou ainda mais relevante no contexto pós-crise pandêmica.

Três apontamentos, e mais um: a necessidade de debatermos, sobretudo a partir das lições da pandemia, a dependência dos grandes gigantes do digital, do ponto de vista do *software*, das tecnologias e das plataformas de comunicação. Será que as universidades não deveriam juntar-se para criar *software* público e aberto, para construir modalidades independentes de comunicação e de trabalho?

Ciência aberta e convergência, isto é, a organização da ciência em grandes temas que juntam distintas abordagens disciplinares. Ninguém pode negar a importância da especialização, mas a força única das universidades está na convergência entre diferentes disciplinas e formas de conhecimento.

A necessidade de construir uma educação superior capaz de formar numa pluralidade de saberes, e de os reconstruir a partir de um ponto de vista não-disciplinar, não está só nos filósofos, mas igualmente nos cientistas.

## Ainda na seara das relações entre universidade e sociedade, como pensar justamente, em nosso tempo, a expansão dessas relações?

Pensar a universidade, hoje, é pensar a sua inserção no tecido cultural, econômico e social. Nada conseguiremos, se não olharmos para fora de nós. É muito mais do que a tradicional “extensão” universitária. Também não se trata, apenas, da transferência de conhecimento e da inovação, áreas, aliás, da maior importância para o nosso futuro.

A educação superior não se faz apenas dentro dos recintos universitários, mas também nos espaços profissionais e sociais. Hoje, um dos grandes desafios da universidade é compreender a importância da cidade do ponto de vista da formação, aproveitando todas as oportunidades que nela existem para a educação dos seus estudantes. Como é evidente, as possibilidades do digital, permitindo pôr em contato pessoas a partir de localizações muito distintas, e distantes, torna ainda mais pertinente este debate.

Trata-se de uma ligação umbilical entre a universidade e a cidade, a compreensão de uma capilaridade que transforma a cidade em espaço de formação e de conhecimento ao mesmo tempo que concebe a universidade como uma

plataforma de intervenção na cidade (mobilidade, sustentabilidade, habitação, solidariedade, empregos do futuro, energia, consumo, diversidade cultural, luta contra as desigualdades etc.). A universidade é a cidade. O seu *campus* é a *polis*.

### **Na última resposta, você se referiu rapidamente a “possibilidades do digital”. Poderia aprofundar esse ponto, falando-nos mais acerca das novas tecnologias aplicadas à educação superior?**

A situação atual é extremamente perigosa para o futuro das universidades.

Por um lado, o digital pode transformar-se em um novo Deus e as tentações são grandes, com os olhos postos no lucro, de tudo passar para meios remotos ou “a distância”, pelo menos no que diz respeito ao ensino. Há vários anos que empresas e fundações ligadas aos grandes gigantes do digital se preparam para esta transição.

Por outro lado, esta tendência pode conduzir as grandes universidades mundiais a decidirem avançar para *campi* virtuais, em todo o mundo, permitindo a muitos estudantes obterem diplomas de Harvard ou do MIT sem nunca saírem dos seus países.

Estamos num tempo de viragem, com grandes riscos para o futuro das universidades. No momento histórico que vivemos, as duas grandes tendências que atravessaram as universidades nas últimas décadas – o aumento exponencial do número de estudantes e o crescimento de uma “indústria global” da educação superior – podem conduzir a soluções desastrosas para o futuro das universidades.

A universidade inteiramente digital, se vier a existir, será tudo menos universidade. Isto dito, a questão não é o digital, mas a forma como se enquadra, ou não, numa determinada concepção de universidade.

### **Sua manifestação anterior parece um tanto pessimista com relação às novas tecnologias...**

Não sou tecno-optimista nem tecno-pessimista. A inteligência artificial e as máquinas repetem e combinam dados. Fazem-no com uma capacidade infinitamente maior do que os humanos. Mas não criam, nem inventam.

A inteligência da reprodução está nas máquinas, e podem ajudar-nos muito. A inteligência da invenção está nos humanos. A informação está nas máquinas. O conhecimento está nas cabeças.

A inteligência artificial é um dos grandes desafios para a educação superior e para a humanidade. Pode ser um instrumento fabuloso para nos libertar de tarefas mecânicas e repetitivas, permitindo-nos valorizar a invenção e o pensamento crítico. Mas pode ser, também, a redução do ensino à repetição de dados e textos produzidos por algoritmos.

Quero pensar que as universidades ainda serão capazes de um rasgo de transformação. As sociedades do nosso século precisam deste lugar único, diferente, insubstituível, no qual, através do encontro, se formam as gerações futuras. É este compromisso que define, no tempo longo, a responsabilidade primeira de uma universidade.

**Não se trata então de tecno-pessimismo, mas de saber que universidade queremos, quais suas responsabilidades e que lugar as novas tecnologias podem aí ocupar. Não é isso?**

Sim. É preciso distinguir informação e conhecimento. A informação está por todo o lado, também nas máquinas. O conhecimento está nas cabeças, pertence às pessoas. Para que os alunos se apropriem do conhecimento, o trabalho do professor é indispensável. Ninguém se educa sozinho. Precisamos dos outros, e acima de tudo dos mestres, para nos educarmos.

Hoje, o digital pode ser um instrumento importante para a construção de um novo ambiente educativo, com ligações dentro e fora dos espaços universitários. O digital tem, hoje, muitas formas e possibilidades, também para o diálogo, a interação e a proximidade entre professores e estudantes. Mas imaginar que podemos ser e fazer universidade unicamente através do digital é uma ilusão perigosíssima. Pode haver, aliás, a tentação de reservar o *campus* universitário para as atividades mais prestigiantes (pós-graduações, trabalho laboratorial, investigação) e remeter o ensino para modalidades “remotas” ou “virtuais”. Seria um erro trágico para o futuro das universidades.

**A Universidade do Distrito Federal, instituição pública criada recentemente na capital do Brasil, tem seu projeto pedagógico marcado pelas metodologias ativas. Como essas metodologias podem, de fato, servir para formação de novos profissionais em diferentes áreas do conhecimento?**

O desafio mais importante das universidades é a criação de novos ambientes educativos. A sala de aula é importante, mas não é suficiente. Há mais vida para além do anfiteatro. As universidades são um espaço extraordinário de encontro intergeracional, e aqui reside grande parte do seu segredo. A transmissão do conhecimento entre gerações é um gesto sublime.

Mas as universidades esqueceram-se da sua dimensão intrageracional, esqueceram-se da força da cooperação entre pessoas de uma mesma geração, esqueceram-se que os estudantes também aprendem com os seus colegas. A educação superior deve atender a estas duas dimensões, inter e intra geracionais, organizando-se em torno do trabalho – trabalho que é assistir a aulas, sim, mas é também, talvez mesmo sobretudo, estudar, investigar, resolver problemas, desenvolver projetos... inscrever o trabalho no centro da vida acadêmica.

**A relação de ensino-aprendizagem, pode-se então dizer, deve se alargar no espaço e no tempo: ultrapassar o ambiente da sala de aula e explorar essa dupla dimensão inter e intra geracional? Para isso, é preciso igualmente investir em uma nova formação para os professores?**

Sim. Hoje, é quase revolucionário dizer que as universidades são instituições educativas, tão maltratado anda o ensino, relegado para plano secundário nas nossas prioridades, nas nossas carreiras, méritos e avaliações.

E, no entanto, é esta a nossa vida, a nossa missão primeira, como tantas e tantas vezes recordou a antiga reitora de Harvard, Drew Faust: “o ensino está no coração de tudo aquilo que fazemos”. “Ouço muitas vezes dizer que as pessoas querem vir para Harvard para estarem perto dos maiores gênios do planeta. Não

é verdade. As pessoas querem vir para Harvard para serem ensinadas por estes gênios, para se educarem com eles. Por isso, damos tanta atenção à formação dos nossos professores e à sua dedicação ao ensino”.

São palavras sábias e necessárias, porque marcam a essência de uma universidade. Mas poderíamos olhar também para Cambridge ou para Stanford e para os programas de acolhimento e de formação dos seus professores, e para as iniciativas que estão desenvolvendo no campo da pedagogia universitária. Precisamos repensar os ambientes universitários, de criar novos ambientes universitários.

Deixem-me voltar a Harvard, agora ao diretor da Faculdade de Medicina: “Não temos nenhuma dúvida de que os nossos estudantes aprendem mais uns com os outros do que conosco, os seus professores”. A relação pedagógica, humana, entre um mestre e um discípulo é insubstituível. Mas a educação superior faz-se também num trabalho de cooperação entre alunos. É com base nesta constatação que devemos organizar os currículos e o conjunto do trabalho universitário: estudo individual e em grupo; estudo acompanhado, através de tutoria e supervisão; envolvimento em pesquisas; trabalho em torno de temas e problemas; desenvolvimento de projetos; realização de atividades fora do recinto universitário etc. Hoje, a vida universitária é muito diferente do que era no passado.

### **Acabamos de ouvi-lo dizer que a vida universitária não é mais a mesma. Alguns diagnósticos de nossas sociedades contemporâneas afirmam que vivemos em um mundo cada vez mais acelerado e dominado pelo presente em detrimento do passado e do futuro. Como pensar essa relação da universidade com o tempo, tema que lhe é muito caro?**

A universidade existe no tempo longo, não no tempo breve das “crises” e das “urgências”. A sua maior utilidade está em cultivar o que não parece ter “utilidade imediata” e, no fim, se revela a coisa mais útil. É nesse sentido que o filósofo italiano Nuccio Ordine faz o “elogio do tempo perdido”, chegando mesmo a citar a oitava sátira de Juvenal para alertar as universidades de que não podem, para salvar a vida, perder a razão de viver.

Numa sociedade hiperacelerada, permanentemente ocupada, 24 horas/7 dias, espera-se da universidade um processo de desaceleração, uma forma diferente de pensar e de agir para, assim, ser “útil” às sociedades. É preciso dar tempo ao tempo, devolver o tempo às universidades.

### **À contracorrente de uma certa experiência “presentista”, a universidade deveria estar sempre buscando estabelecer diálogos com o futuro e com o passado?**

Há quase mil anos, comunidades errantes de estudantes, e de mestres, começaram o caminho das universidades. É nestas comunidades que está a nossa raiz, a nossa razão de ser. “Bichos frágeis, mas tenazes”, diz-nos George Steiner, as universidades atravessaram os séculos e aqui estão, hoje, preparadas para os séculos futuros.

Em 2009, era eu reitor da Universidade de Lisboa, quando a reitora de Cambridge me enviou uma encomenda com um papel e um lápis especiais, e um convite para escrever uma Carta ao futuro. Celebravam-se, então, os 800 anos de Cambridge. Junto com muitas outras, esta carta está guardada num baú selado

pela rainha de Inglaterra, e será entregue, em mão, ao reitor de Lisboa em 2109. Cem anos mais tarde.

É arrogância de Cambridge projetar-se num tempo tão longo? Não, porque é no tempo longo que vivem as universidades, na lentidão do tempo, e não na imediatez da vida, não no tempo rápido das contas e das contabilidades, de uma prestação de contas fechada no presente, ignorante do passado e do futuro.

### **As singularidades da universidade, acerca das quais falamos há pouco, encontram-se, portanto, ameaçadas por um mundo demasiadamente apressado?**

Veja, qual é o segredo das universidades? Por que são capazes de resistir no tempo, de resistir ao tempo? A resposta é simples: porque são diferentes de todas as outras instituições, e nesta diferença reside a sua “utilidade” e a sua força.

Copiar, repetir, imitar ou importar modelos e procedimentos de outras instituições é um erro, um erro que, a prazo, pode tornar as universidades inúteis ou irrelevantes, talvez mesmo dispensáveis.

Na universidade, investigação e ensino alimentam-se mutuamente. É isso que nos diz o importante relatório do MIT sobre a revolução da convergência – convergência entre disciplinas científicas, mas também convergência com as humanidades e com a educação.

Estranhamente, o mundo acadêmico deixou-se enredar em métricas e indicadores, ditos de produtividade científica, que estão a destruir a vida universitária e tudo o que é diferente. Como se estivéssemos reféns de folhas de Excel, fechados na aritmética dos artigos, incapazes de produzirmos um juízo sobre a relevância e o mérito, e de valorizarmos caminhos diferentes sem a pressa do tempo.

Um artigo recente de Michael Park e colegas, publicado na revista *Nature*, conclui, depois de vistos 45 milhões de artigos científicos e 4 milhões de patentes, que, dependendo das áreas científicas, há um decréscimo entre 92% e 100% na novidade. Cada vez mais repetição, reprodução, cada vez menos novidade. É um aviso sério a todos nós.

Hoje, mais do que nunca, a ciência é central nas nossas sociedades. É uma das poucas, talvez mesmo a única, linguagem comum que ainda nos resta. Na universidade, a ciência serve para pensar o que não se pode pensar noutros lugares, para proteger um trabalho que, muitas vezes, só mais tarde é entendido e valorizado, para arriscar, para alimentar a curiosidade, para abrir novas possibilidades, para libertar o futuro.

### **Para concluirmos, professor, mais algumas palavras sobre as contribuições que a universidade pode dar para “libertar o futuro”, para se colocar em “outro tempo”?**

Permitam-me uma frase algo estranha: “as universidades já não são ‘apenas’ universidades”. As universidades são, hoje, instituições centrais na vida econômica e social. É imensa a nossa responsabilidade. Como reitor, há mais de 15 anos, adotei como lema a ideia da univercidade, a universidade da cidade. E coloquei na entrada do campus uma escultura de Charters de Almeida: *As portas da univercidade*.

Mas também sobre isto tem havido alguns equívocos. Repito uma vez mais: a “utilidade” da universidade está na diferença.

Olhemos para o Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech). O seu reitor não hesita em afirmar: somos professores, investigadores, não somos gestores, nem empresários, nem promotores de negócios. E explica: “ninguém vem para o Caltech dizendo ‘quero criar uma empresa’. As pessoas vêm até aqui para usufruir de um ambiente estimulante, aberto, interdisciplinar – para fazerem investigação fundamental. Se houver descobertas que tenham aplicação, então a comercialização é um benefício colateral”.

É esta a missão das universidades. Acolher a ciência, sem uma expectativa de resultados imediatos. Depois, esperemos que isso se projete em desenvolvimentos vários, tecnológicos, que têm obviamente uma lógica mais imediata e comercial. Para sermos “úteis”, temos de ser complementares, e não iguais.

Se não compreendermos esta diferença, radical, estaremos a comprometer a universidade como um “ambiente único”, onde é possível trabalhar num outro tempo e com outra lógica.

No tempo de transição que estamos a viver, é bom pensar com humanidade a educação, a ciência e o conhecimento. Com humanidade e com humanismo.

### **António Nóvoa**

Doutorou-se em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (1986) e em História pela Universidade de Paris-Sorbonne (2006). Desde 2014, é Reitor Honorário da Universidade de Lisboa, tendo sido seu Reitor entre 2006 e 2013, período em que conduziu a fusão dessa Universidade com a Universidade Técnica de Lisboa. O professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa foi Embaixador de Portugal na Unesco entre 2018-2021 e desde 2023 é o titular da Cátedra Unesco – Futuro da Educação. Foi agraciado com o título de Doutor honoris causa por várias universidades portuguesas bem como pelas brasileiras Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Santa Maria e Universidade de São Paulo.

De sua imensa e importante produção intelectual, editada em mais de 10 países, além dos inúmeros artigos publicados em revistas especializadas e das obras escritas em parceria, destacam-se os seguintes livros: *Vidas de Professores* (1992), *Paulo Freire: Política e Pedagogia* (1998), *Profissão Professor* (1999), *Evidentemente: Histórias da Educação* (2005), *A Difusão Mundial da Escola* (2008), *Formar leitores para ler o mundo* (2010), *A Universidade Medieval em Lisboa – Séculos XIII-XVI* (2013), *A Universidade de Lisboa – Séculos XIX-XX* (2013) e *Professores – Libertar o Futuro* (2023).

Entrevista realizada em julho de 2023, por

**José Otávio Nogueira Guimarães**

Editor associado de Examen

Consultor Cebraspe

Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris

Professor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília